

Editorial

Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo inaugura, neste volume, uma seção de projetos e publica, além dos artigos, duas experiências em distintos territórios, que interagem com as culturas locais.

A primeira experiência ilustra a Cartografia Afetiva realizada no bairro de Paraisópolis, São Paulo, por Wagner de Souza, Angélica Tanus Benatti Alvim e Luiz Guilherme Rivera de Castro.

O projeto, que ora se publica, de autoria dos arquitetos Lluís Bravo Farrè e Gustavo Comte-Pomi, propõe habitações sociais inseridas em tecido de transformação e regeneração de uma área do centro histórico de Barcelona que, por meio de análise perceptiva, assimila a dinâmica histórica evolutiva do bairro, valoriza suas características arquitetônicas e urbanísticas, assim como as necessidades e aspirações da comunidade cidadã em sua vida cotidiana.

Nessa linhagem, na qual o projeto se ampara nas práticas que questionam a tradicional separação entre a autonomia da concepção e o compromisso que incorpora uma experiência prévia de espaço, com vistas ao entendimento do território como espaço material e espaço social, dois artigos discutem outros protocolos para o processo de projeção.

O primeiro artigo, **“Luz de dentro: trabalho empírico e teoria de projeto”**, de Lizete Maria Rubano e Antônio A. Fabiano Junior, pensa a dimensão do projeto a partir de sua possibilidade emancipatória. Traz o relato crítico de uma experiência que se quer instrumento de luta social, para a população residente e para a formação profissional dos estudantes, e que coloca essa discussão em hipóteses projetuais – urbanas e arquitetônicas – voltadas a unidades de habitação dos bairros Campos Elíseos/Luz, em São Paulo.

O segundo ensaio, **“Vida pública e dinâmicas urbanas contemporâneas: experiência e diálogos entre corpo, arquitetura e projeto”**, de Maria Isabel Villac e Volia Regina Costa Kato, discute relações que se estabelecem entre os saberes da disciplina e a experiência da cidade como habitat. O artigo traz elementos discursivos

que buscam ampliar o reconhecimento de que o desejo de uma vida pública, vitalizada, se expressa primordialmente por meio de uma atitude corporal, e se contrapõe ao descolamento que ainda persiste entre representação e contexto na produção do ambiente construído.

Os demais artigos podem constituir, em conjunto, uma linha do tempo, que olha as escalas da cidade e da arquitetura, perpassa pelos últimos séculos da Idade Média e alcança a modernidade contemporânea.

A experiência construtiva da cidade de Veneza, como um dos maiores assentamentos do oeste medieval, no ensaio **“Uma cidade medieval e o problema da água: o exemplo de Veneza”**, de Elisabeth Crouzet-Pavan, é descrita historicamente pelas ações que exigiram obras contínuas, esforços cumulativos, técnicas imaginativas e colaboração entre a autoridade pública e a instância social.

Na escala da arquitetura, as experiências analisadas perpassam, primeiro, pelas práticas e discussões de unidades habitacionais em São Paulo, objetivando a redução dos espaços da habitação em **“A investigação da redução do espaço a partir do CIAM de 1929”**, de Gabriela de Oliveira Riccio, Paula de Vincenzo Fidelis Belfort Mattos e Eneida de Almeida. Discutem, ainda, a **“Evolução do projeto de plantas de apartamentos em Curitiba”**, de Fabiano Borba Vianna, com ênfase na obra do arquiteto Elgson Ribeiro Gomes e sua produção entre os anos de 1950 e 1980.

Novamente, na escala urbana, o artigo **“Políticas urbanas no pós-fordismo: o caso do Puerto Norte em Rosário, Argentina”**, de Fabiano Borba Vianna, estuda transformações funcionais e físico-espaciais das indústrias fordistas, após a década de 1970, e as modificações das políticas urbanas, nas quais estratégias de planejamento e gestão se voltam para a reconstrução da cidade e de sua imagem no cenário global. E, também na grande escala, **“O Parque Olímpico do Rio de Janeiro/RJ e os vestígios de sua utilização”**, de Felipe Buller Bertuzzi, Grace Tibério Cardoso e Dirceu Piccinato, avalia o legado da intervenção que, três anos após das Olimpíadas de 2016, pouco contempla a população carioca e visitantes, no que se refere a usos idealizados previamente.

Maria Isabel Villac